

DESGASTE DIÁDICO DAS RELAÇÕES CONJUGAIS: UM DESAFIO PARA A MANUTENÇÃO DO AMOR E DO DESEJO

Filomena Ferraz¹; Carlos Alberto Dias²; Agnes Rocha de Almeida³

THE DAILY WEAR AND TEAR OF CONJUGAL RELATIONS: A CHALLENGE FOR THE MAINTENANCE OF LOVE AND DESIRE

Resumo:

Além de expectativas, homem e mulher levam para a vida conjugal crenças e valores provenientes da história familiar e contexto sociocultural de que são originários. O desgaste diádico das relações favorece o surgimento de atitudes desagradáveis, podendo levar à aversão. Esse estudo avalia a possibilidade de manutenção do amor, desejo e prazer sexual, apesar do desgaste provocado pela rotina conjugal. Foram entrevistados 54 homens e 85 mulheres valadarenses com pelo menos cinco anos de relacionamento. Constatou-se que a participação ativa da mulher no mundo do trabalho, disputas pelo poder, frustrações decorrentes da não concretização de expectativas e o não envolvimento do homem nas tarefas domésticas, favorecem mágoas, desinteresse e até inapetência sexual dificultando a manutenção do amor e desejo. Em função deste desgaste, o amor conjugal se manifesta de forma mais moderada do que no início da relação sem que isto represente sua falência. Muitos casais criam estratégias para reaquecimento das relações.

Palavras-chave: Amor; desejo; desgaste diádico; expectativas conjugais; estratégias conjugais.

Abstract:

Besides expectations man and woman introduce into marital life beliefs and values originating from the family history and the social-cultural context. The daily wear and tear of the relationships favors the appearance of unpleasant attitudes that can lead to aversion. This study evaluates the possibility of the maintenance of love, desire and sexual pleasure in spite of the wear and tear caused by conjugal routine. Both men and women with at least a five-year relationship from Governador Valadares were interviewed. It was observed that active participation of the woman in the labor field, power disputes, frustrations resulting from unfulfilled expectations and the lack of participation of the man in household chores favor hurt, disinterest and even sexual inability, making the maintenance of love and desire more difficult. Because of this wear and tear conjugal love manifests itself in a more moderate form than in the beginning of the relation without causing its fallacy. Many couples create strategies to heat up their relations again.

Keywords: Love; desire; daily wear and tear; conjugal expectations; conjugal strategies..

[Sumario](#)

¹ Psicóloga Clínica.

² Doutor em Psicologia Clínica. Universidade Vale do Rio Doce – MG.
cdias@univale.br

e-mail:

³ Pós-graduada em Dependência Química e Outros transtornos Compulsivos. União de Ensino São Francisco – ES

Introdução

Falar de relacionamento conjugal implica fazer alusão a um encontro estabelecido entre dois indivíduos que, embora diferentes, tentam encontrar pontos de vista que lhes sejam comuns. Apesar dessa tentativa, não há como desconhecer o fato de que cada um deles é herdeiro de um conjunto de crenças e valores provenientes tanto de sua história familiar quanto do contexto social e cultural, que serviu de referência para sua formação pessoal.

Vale salientar que, o simples conhecimento do contexto social e cultural nem sempre é suficiente para melhor entender um problema vivenciado pelo sujeito no seu tempo. Além desse contexto, deve-se também lançar um olhar sobre a história que lhe deu origem. No tocante a uma relação a dois, é preciso considerar que existe um espaço de construção subjetiva individual em intersecção com o social que está diretamente ligado à dinâmica estabelecida na relação de um casal.

Quando dois sujeitos juram amor eterno (implicando entre outros aspectos não deixar que o desejo, a fidelidade e o companheirismo venham a enfraquecer) imagina-se que nada no mundo ou na sociedade seria capaz de concorrer para que um dia rompessem com a “sagrada união”. Contudo, vê-se atualmente que, em decorrência do modo como se estrutura a sociedade moderna, os membros de um casal pouco tempo possuem para se encontrarem num clima de paz, descontração e amor. São constantemente impelidos a lutar pela sobrevivência ou por garantir sua manutenção, num grupo social em particular. Como resultado, as questões que dizem respeito ao casal ficam normalmente adiadas para quando outras “mais urgentes” tiverem sido resolvidas.

Tem-se que, na vida da maior parte dos casais, a rotina é o fenômeno mais presente. Além disso, deve-se salientar que o que é rotina para um talvez não seja para o outro, constituindo-se este fato em mais um elemento de desentendimento e de insatisfação. A rotina poderia ser definida como um processo pelo qual o sujeito sente que sua vida está estagnada, pois no seu dia-a-dia nada de emocionante ou gratificante tem ocorrido. É comum que um membro do casal atribua a responsabilidade desta falta de dinamismo da vida ao outro, o que por sua vez concorre para o enfraquecimento do sentimento de carinho, respeito e amor e também da crença de que o outro seria a pessoa ideal para conviver até seus últimos dias.

Como possibilidade de reduzir os efeitos da rotina sobre o relacionamento, diversos casais têm decidido por viver em residências separadas. Esta é uma tentativa de resgatar o amor, garantindo ao mesmo tempo o respeito à própria individualidade. Tal alternativa, com o objetivo de estabelecer um relacionamento mais saudável, exige de ambas as partes um novo aprendizado.

Este cenário revela que é possível ficar com o (a) companheiro (a) por algumas horas, mas não abrir mão de ter um espaço longe dele (a), cultivando a autonomia, o egocentrismo e o individualismo. Esta nova realidade sinaliza para uma história cultural, quando a construção dos relacionamentos conjugais não se fez concomitante a um processo de amadurecimento quanto à possibilidade de unir e separar. Ao mesmo tempo em que o amor romântico trouxe a idéia da perfeita completude entre o casal, criou também a idéia de que, na relação a dois, só o outro pode se sacrificar.

Inevitavelmente qualquer casal está sujeito à rotina, uma vez que não existe sentido promover ou facilitar processos de troca de relacionamentos, objetivando tornar a vida mais agradável. Todos os esforços devem convergir para a criação de procedimentos, mecanismos e conhecimentos que auxiliem os casais a superar as adversidades, e manter acesos o desejo e o amor. Esta necessidade fez surgir o questionamento que ocupou o centro desta investigação: É possível manter o amor e o desejo entre o casal, apesar da rotina da vida conjugal?

Método

Para a realização deste estudo, cujo *objetivo foi o de avaliar a possibilidade de se manter o amor e o desejo entre o casal, apesar da rotina na vida conjugal*, utilizou-se de pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica, verificou-se o que já foi dito por diversos autores da psicologia sobre as variáveis emocionais, as quais causam a dificuldade dos sujeitos em manter o amor e o desejo ao longo do relacionamento conjugal.

Os dados coletados através de entrevista estruturada e registrados em formulário desenvolvido especificamente para essa investigação foram tratados estatisticamente com o auxílio do programa SPHINX. Os seguintes temas foram abordados durante a entrevista: perfil dos participantes (idade, sexo, religião, situação familiar e profissional), relacionamento conjugal (nível de satisfação, função do ato sexual, atração sexual, frequência do ato sexual), isolamento (tempo individual para lazer, formas de uso do tempo livre, sentimentos fora de casa), tomada de decisões (divisão de responsabilidades, dificuldades conjugais, formas de enfrentamento, avaliação do relacionamento). A população foi constituída de sujeitos que mantinham um relacionamento de no mínimo cinco anos e cadastrados nas pastorais e grupos de casais de igrejas ou paróquias da cidade de Governador Valadares. No total foram 85 mulheres e 54 homens participantes.

De posse da carta expedida pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVALE, foi solicitada junto aos responsáveis da Pastoral da Família, das paróquias situadas na Cidade de Governador Valadares, a relação de telefones dos casais que dela fazem parte. Foi feito então um primeiro contato telefônico para se verificar o interesse e disponibilidade da participação na pesquisa e se os mesmos preenchiam os requisitos mínimos exigidos para fazer parte da amostra.

Com aqueles que aceitaram participar, foi agendado uma visita domiciliar para realização das entrevistas. Foram também incluídos casais que embora não fizessem parte da pastoral, manifestaram interesse em contribuir para a realização da pesquisa. Isto justifica a presença de evangélicos e espíritas no grupo amostral.

Por ocasião da entrevista domiciliar esclareceu-se que a participação se fazia por livre consentimento e que lhes era resguardado o direito de se recusar a responder qualquer questão que pudesse constrangê-los, e ainda poderiam até mesmo destruir a folha de registro (questionário), caso não pretendessem continuar a fazer parte da pesquisa. Seria também assegurado o anonimato dos dados obtidos, durante a entrevista e da folha de registro. O tempo médio da entrevista foi de 25 minutos para cada membro do casal.

Resultados

Os participantes possuem em média 44 anos. Quanto à escolaridade, prevalecem os sujeitos que possuem o Ensino Médio (38,8%), seguidos por aqueles que concluíram o Ensino Superior (35,3%). Em termos de adesão religiosa, a maioria é católica (75,2%), seguida pelo grupo protestante (19,0%) e espírita (5,8%). Vale ressaltar que, a menor quantidade de homens entrevistados em relação ao número de mulheres deve-se ao fato de que nem todos os parceiros se dispuseram a tomar parte desta pesquisa. Constatou-se que, a maioria dos entrevistados (89,4%) possuem entre 1 e 3 filhos, sendo que aqueles que possuem dois, equivalem a 42% da amostra. Isto faz com que, em média, os entrevistados possuam o equivalente a 2,5 filhos. A maioria tem vida profissional ativa (74,6%) e um pequeno grupo (5,1%) está atualmente desempregado.

Em média os entrevistados possuem 19 anos de vida conjugal, sendo que quase a metade dos sujeitos entrevistados (48,2%) têm uma vida em comum por um período compreendido entre 14 e 28 anos. É possível se fazer uma análise levando-se em consideração o tempo de relacionamento conjugal e o nível de satisfação com o relacionamento. Conforme apresentado na Tabela 1, os homens parecem estar mais satisfeitos com o relacionamento conjugal do que as mulheres. Essa análise decorre do fato de que 42,6% dos homens se declararam estar muito satisfeitos, contra 28,2% das mulheres que se dizem nesta mesma posição. Na categoria dos insatisfeitos estão 11,1% dos homens contra 20,0% das mulheres.

Relacionamento afetivo				
Sexo	Muito satisfeito	Satisfeito	Insatisfeito	TOTAL
Masculino	42,6%	46,3%	11,1%	100,0%
Feminino	28,2%	51,8%	20,0%	100,0%
TOTAL	33,8%	49,6%	16,5%	100,0%

Tabela 1: Nível de satisfação conjugal segundo os sexos

Conforme a Tabela 2A e 2B, a maioria das pessoas que se considera insatisfeita têm entre 45 e 60 anos. Geralmente os filhos dos casais nesta faixa etária são maiores, são estudantes universitários ou até mesmo casados. Com a independência econômica dos filhos, os pais passam a voltar-se para os reais problemas do relacionamento enfocando em especial os defeitos do parceiro. Esta atitude ocorre quando as expectativas do início do casamento não foram modificadas com o tempo. Nesta fase da vida conjugal é comum que exista uma distância entre o que se desejava e o que efetivamente se tem concretizado na atualidade. Embora ambos os sexos desenvolvam esta percepção, entre as mulheres tal ocorrência tem sido mais marcante.

Sexo feminino: Idade X Satisfação no relacionamento				
Idade	Muito satisfeito	Satisfeito	Insatisfeito	TOTAL
Menos de 30	30,0%	70,0%	0,0%	100,0%
De 30 à 45	35,9%	48,7%	15,4%	100,0%
De 45 à 60	14,3%	53,6%	32,1%	100,0%
Mais de 60	37,5%	37,5%	25,0%	100,0%
TOTAL	28,2%	51,8%	20,0%	100,0%

Tabela 2A: Nível de satisfação conjugal: Sexo feminino x Idade

Sexo masculino: Idade X Satisfação no relacionamento				
Idade	Muito satisfeito	Satisfeito	Insatisfeito	TOTAL
Menos de 30	50,0%	50,0%	0,0%	100,%
De 30 à 45	47,1%	47,1%	5,9%	100,%
De 45 à 60	34,4%	50,0%	15,6%	100,%
Mais de 60	100,0%	0,0%	0,0%	100,%
TOTAL	42,6%	46,3%	11,1%	100,%

Tabela 2B: Nível de satisfação conjugal: Sexo masculino x Idade

Outro fato também relacionado com a independência dos filhos é a decepção quanto à auto-realização. Muitos casais adiam seus sonhos, até que o futuro dos filhos esteja garantido. No entanto, quando este momento chega, eles percebem que a preocupação com os filhos não foi o único motivo que atrasou, ou impediu a realização dos sonhos. É esperado que neste período de suas vidas, os casais façam “um balanço” do que de fato realizaram na vida e, percebendo que não

conquistaram grande parte de seus objetivos, acabam por se sentir insatisfeitos. Essa insatisfação com a vida pessoal produz efeitos sobre o relacionamento com o parceiro.

Por outro lado, quando conseguem atravessar esta fase, os sujeitos tendem a se acomodar diante das dificuldades, das decepções com o parceiro e quanto à vida pessoal e de inúmeros sentimentos que antes poderiam causar insatisfações no relacionamento. Como pode ser observado na Tabela 2 A e 2 B, aqueles com 60 anos ou mais se encontram, em sua maioria, satisfeitos ou muito satisfeitos com o relacionamento.

O nível de satisfação do casal pode ser comparado com a crença a respeito da duração do amor (Tabela 3). Aqueles que acreditam que o amor é para toda a vida, em sua maioria, estão muito satisfeitos (52,10%). É possível que essa satisfação esteja relacionada ao fato de que estes sujeitos pensam que devem tentar superar os problemas em nome do amor.

Nível de satisfação	Duração do amor			
	Por toda a vida	Enquanto a relação corresponder aos interesses de ambos	Enquanto os problemas não superarem alegrias	TOTAL
Muito satisfeito	52,1%	35,4%	12,5%	100%
Satisfeito	32,9%	44,3%	22,9%	100%
Insatisfeito	21,7%	39,1%	39,1%	100%
TOTAL	37,6%	40,4%	22,0%	100%

Tabela 3: Nível de satisfação conjugal X Duração do amor

Dentre os que acreditam que o amor dura enquanto a relação corresponder aos interesses de ambos, grande parte está satisfeita (44,30%) seguida pelo grupo dos insatisfeitos (39,10%). Já dentre aqueles que acreditam que o amor dura enquanto os problemas não superarem as alegrias, sobressaem os insatisfeitos (39,10%). Ao contrário dos sujeitos citados no parágrafo anterior, esses acreditam que o amor é findável e que o nível de satisfação no relacionamento não é tão estável. Esta percepção pode ser um indicador da falta de investimento na resolução dos problemas conjugais.

Em síntese, com base nos dados apresentados pode-se dizer que os entrevistados se enquadram em três grupos quanto ao nível de satisfação com a vida conjugal. O Grupo dos Muito Satisfeitos é formado por indivíduos que em sua maioria são do sexo masculino, com idade acima dos 60 anos para ambos os sexos e que acreditam que o amor seja por toda a vida. O Grupo dos Satisfeitos é formado por indivíduos em sua maioria do sexo feminino, com idade abaixo de 30 anos para o sexo feminino sendo para os homens abaixo de 30 e entre 45 a 60 anos, e que consideram que o amor dura enquanto a relação corresponder aos interesses de ambos. O Grupo dos Insatisfeitos é formado em sua maioria por mulheres, com idade entre 45 e 60 anos para ambos os sexos e que não acreditam que o amor seja por toda a vida.

Conforme apresentado na tabela 4, nas situações relacionadas à autonomia na vida conjugal (abrir mão de desejos pessoais, consultar o outro em suas decisões e priorizar os desejos do outro) as mulheres (36,5%) encontram maiores dificuldades do que os homens (22,3%). Isto é um indicador de que estão em busca de realizações pessoais, muitas delas recalcadas desde a infância. Neste movimento de resgate a antigas aspirações tende a ocorrer um distanciamento de metas e objetivos conjugais importantes, chegando a impactar sobre a vida sexual do casal. Isto explica em parte porque o fato de encontrar um ponto de equilíbrio na vida sexual na relação com o parceiro ocupa, para as mulheres, o último lugar (8,2%), já para os homens, o primeiro (25,0%).

Sexo	Dificuldades na relação com o parceiro							TOTAL
	Abrir mão desejos pessoais	Acompanhar mudanças ocorridas com o parceiro	Auxiliar filhos em suas diversas atividades	Consultar o outro em minhas decisões	Encontrar um ponto de equilíbrio na vida sexual	Priorizar os desejos do parceiro	Decidir sozinho os problemas conjugais	
Feminino	18,8%	23,5%	17,6%	10,6%	8,2%	7,1%	14,1%	100%
Masculino	13,9%	23,6%	18,1%	5,6%	25,0%	2,8%	11,1%	100%
TOTAL	16,6%	23,6%	17,8%	8,3%	15,9%	5,1%	12,7%	100%

Tabela 5: Sexo x Dificuldades na relação com o parceiro

Conforme apresentado na Tabela 6, a maioria dos entrevistados (71%) faz uso de estratégias objetivando manter o amor e o prazer sendo o diálogo a mais importante (27,4%), seguida pela compreensão das dificuldades do parceiro e manutenção da fidelidade conjugal (21%). Há ainda aqueles que procuram inovações aplicáveis ao relacionamento para não cair na rotina (17,7%). Tais inovações se baseiam em novidades na relação sexual, passeios a sós, surpresas, dentre outras. Uma pequena parte (4,8%) dos entrevistados acredita que o buscar estar na presença de Deus por meio de obras e orações fará com que o amor e o prazer sejam mantidos.

Embora seja grande o número de sujeitos que investem esforços para manter a saúde no relacionamento conjugal, existe uma quantidade considerável de pessoas que nada fazem com este objetivo. Considerável número, dentre os entrevistados, não se pronunciou (29%) como investidor de esforços para garantir a continuidade saudável da vida em comum.

O que tem feito para manter o prazer e amor	
Nada	29,0%
Diálogo	27,5%
Compreensão e fidelidade	21,0%
Inovar para não cair na rotina	17,7%
Buscar a presença de Deus	4,8%
Total	100%

Tabela 6: Estratégias para a manutenção do prazer e do amor

Dentre as dificuldades que oferecem maior risco à continuidade do relacionamento conjugal, conforme as tabelas 7 A e 7 B, a falta de carinho, de compreensão e de diálogo são as principais, segundo as mulheres (27,2%), logo em seguida vem a bebida e os problemas financeiros (10,2% respectivamente). Para os homens, as principais dificuldades são as brigas e reclamações, quando chegam do trabalho, ou quando as parceiras gritam com eles (21,6%), em segundo lugar a interferência dos familiares da esposa (17,6%) e em terceiro os problemas financeiros (13,7%).

Fazendo uma avaliação entre sexos e os principais problemas enfrentados, constata-se que na falta de carinho e de compreensão por parte do marido, a esposa tende a buscar a satisfação de tal necessidade apegando-se mais a sua família de origem. Tendo maior intimidade com os problemas do casal a família da esposa interfere na relação, na tentativa de ajudá-la. No entanto, esta interferência acaba provocando uma maior insatisfação do marido em relação à esposa. Ele passa a se irritar com ela, a dar menos carinho e atenção, por acreditar que ela é culpada por abrir as portas da intimidade conjugal para a intromissão de seus parentes.

Principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres	%
Falta de carinho e compreensão	15,3%
A falta de diálogo	11,9%
Bebida	10,2%
Financeiros	10,2%
Interferência de familiares	8,5%
Cobrança em demasia	8,5%
Discussões	8,5%
Educação dos filhos	6,8%
Doença	5,1%
Nenhum	5,1%
Infidelidade	3,4%
A mentira	3,4%
Falta de educação	3,4%
TOTAL	100%

Principais dificuldades enfrentadas pelos homens	%
Discussões, brigas da esposa	21,6%
A influência de familiares	17,6%
Financeiros	13,7%
A mentira	9,8%
Falta de dialogo	7,8%
Falta de carinho e compreensão	5,9%
Educação dos filhos	5,9%
Nenhum	5,9%
Problemas na vida sexual	3,9%
Autoritarismo da esposa	3,9%
Falta de liberdade	2,0%
Preocupação	2,0%
TOTAL	100%

Tabela 7A e 7B: Principais dificuldades enfrentadas na relação conforme o Sexo

Apesar de ambos os sexos ter dificuldades no relacionamento, o efeito perverso parece ser maior sobre as mulheres, tornando-as menos satisfeitas com a relação conjugal. Enquanto os homens estão em sua maioria “muito satisfeitos” e “satisfeitos”, as mulheres estão “satisfeitas” e “insatisfeitas”.

Discussão

Variáveis que frustram as expectativas produzindo o desgaste diádico

Embora duas pessoas decidam viver juntas acreditando ter encontrado no outro certa complementaridade de valências pessoais, é na vida conjugal que iniciam uma caminhada onde gostos, costumes, hábitos e ideais com o tempo são lapidados e trabalhados. Personalidades e habilidades diferentes unem-se para construir algo maior. Reduz-se a individualidade, supera-se a fronteira do egoísmo, fazendo surgir a conjugalidade.

É comum a união conjugal ocorrer sem que os envolvidos conheçam de fato a si mesmos e, sobretudo o outro. Nasio (1995) lembra que o outro idealizado passa a existir a partir do momento que a pessoa de quem se gosta (objeto real) é transformada em fantasia. Essa transformação pode ser observada pelo seguinte fato: no início do casamento, os sujeitos acreditam ter encontrado sua “cara metade” e que o parceiro é o ideal para compartilhar sua vida. No entanto, com o decorrer do tempo, a realidade vem à tona e a crença de que ambos tinham os mesmos interesses e afinidades se torna uma mera ilusão. Sem consciência dos medos e das expectativas que trazem para a relação, unem-se despreparados para a infelicidade, para os desapontamentos, para as desavenças e para os choques da vida conjugal.

Não existe uma pessoa igual à outra. Esta diferença pode ocorrer em graus variados a ponto de se construir uma vida ilusória, fomentando a crença de que existam de fato “iguais” ou “complementares”. Ao observar a interação entre duas pessoas, é possível encontrar alguns aspectos como traços pessoais, físicos ou psicológicos que sugerem alguma semelhança. Não seria exagero afirmar que é impossível a igualdade, raríssima a semelhança e praticamente total, constante e

natural a diferença entre seres humanos, sobretudo, em se tratando de sexos diferentes. Além disso, o modo particular como cada pessoa apreende sua realidade faz com que não exista somente uma verdade, um paradigma. Cada um constrói sua própria verdade e sua singularidade na maneira de perceber o mundo ao seu redor. Esta constatação deveria ser suficiente para se conscientizar que ninguém é dono da verdade, mas ao contrário, em função de uma rigidez perceptiva acredita-se que as opiniões do outro são equivocadas.

Tal rigidez não permite que o indivíduo entenda que a sua realidade ‘é verdadeira’ para si e que a outra realidade ‘é verdadeira’ para o outro. A intransigência leva cada membro do casal a considerar a diferença entre seus modos de perceber a realidade como uma forma de oposição criada pelo outro e não como um sinal da inevitável diferença entre ambos.

Quem não consegue perceber e aceitar as diferenças do outro terá dificuldade em trocar afetos, impressões, conhecimentos, emoções. Um bom diálogo enriquece cada participante e possibilita às pessoas se aperceberem não só do mundo físico em que vivem, mas do mundo social, de regras, convenções, comunicações. Estes constructos representam frequentemente a interpretação do mundo fático (DESIDÉRIO, 1982, p. 147).

O cotidiano da vida conjugal não é poesia. Deve-se dar conta de inúmeras atividades, como correr para o trabalho, dar permanente atenção aos filhos e ao cônjuge, executar tarefas domésticas, ir ao supermercado, atender a compromissos, receber visitas inesperadas de fim-de-semana, participar de aniversários, casamentos e outras mais que requerem a presença, normalmente, nem tanto entusiasmada dos envolvidos. É difícil perceber quando estas vidas em comum se enchem de tantas obrigações; quando os seus “devemos” passaram a controlar os dias; quando o “eu te amo!” se transformou em “o jantar ainda não está pronto, o gás acabou.”

Neste contexto é comum os envolvidos se sentam acabrunhados. Os membros do casal tornam-se mais chatos e mais chateados e, com frequência, a rotina acaba com o romance. As coisas maravilhosas que o futuro reserva já não fazem parte dos questionamentos; é como se instalasse a impotência, capaz de causar a estagnação. Tais sentimentos abrigam no seu bojo inúmeras queixas que segundo Viorst (2004) vão muito além da preocupação com as obrigações e com a rotina. Tratam-se de queixas relacionadas a confusão entre intimidade e intromissão, violações, depreciações, indelicadezas e todas as outras pequenas e grandes provocações que precisam ser confrontadas com os prazeres no dia-a-dia da vida do casal.

Outra variável que provoca reclamações de muitos casais é a interferência da família de origem na relação conjugal. É natural que recém-casados sintam-se apegados aos pais por sua bondade e generosidade, por serem exemplos de coragem e dignidade, o que não deve funcionar como empecilho para que se mantenham presos.

Separar-se deles nada tem a ver com falta de amor ou de gratidão, mas é uma tentativa de se tornar um parceiro adulto, capaz de se posicionar frente aos pais que se sentem compelidos a orientar os filhos casados sobre a escolha do lugar onde morar, que casa comprar, se devem trocar de emprego, que religião seguir e quando devem ter filhos.

Agarramento, telefonemas diários e outros sinais de dependência são apenas sintomas de falhas em se desligar. Existem maridos e mulheres, aparentemente independentes [...] que, embora não sejam agarrados nem fiquem ao telefone, ainda não conseguiram desligar-se de suas famílias. Essas são as pessoas que se sentem obrigadas a resistir aos pais, em todas as ocasiões, porque, no íntimo, temem ficar totalmente à mercê deles... (DESIDÉRIO, 1982, p. 74).

Embora o casamento seja uma relação humana, não há nela a mesma liberdade existente em outros relacionamentos no tocante à capacidade de voltar à calma frente a um desentendimento. Entre amigos ou colegas qualquer desentendimento pode ser minimizado mantendo-se certa distância entre os envolvidos, o que não ocorre com os membros de um casal.

Pela impossibilidade de manter esse afastamento, é comum que pequenos desencontros fiquem mal resolvidos e a eles se somam novos desencontros. Tudo isso produz lenta ou rapidamente o efeito bola-de-neve.

A convivência contínua possibilita uma maior proximidade afetiva. Esta recíproca invasão de limites entre os participantes da relação cria possibilidades para que os atritos ocorram com mais frequência. Para superar tais dificuldades há que se adquirir uma habilidade relacional. Para adquiri-la é preciso que cada sujeito da relação entre em contato com as próprias necessidades e valores internos (DESIDÉRIO, 1982).

Com o decorrer do tempo mínimas situações de desencontro vão se acumulando, ainda que se pense que elas foram sendo resolvidas ao longo do tempo. É o jantar que não aconteceu por que ele estava reunido com os amigos depois de um maçante dia de trabalho; é o gasto a mais que ela fez com o cartão de crédito para comprar roupas e presentes numa irresistível liquidação; é o esquecimento do aniversário de casamento, entre outras situações rotineiras. Cada um tem os seus motivos para considerar que o que fez não foi nada de mais; entretanto, o outro, acredita que aquilo foi um gesto de desconsideração, ou equivocado, surgindo daí um ressentimento recíproco.

Vivendo o dia - a - dia como parceiros conjugais, em seus múltiplos papéis, como pais e como membros de uma família, mais cedo ou mais tarde a gente descobre que marido e mulher também podem competir entre si [...]. Tal como se dá entre irmãos e irmãs que competem entre si para ser o queridinho dos pais, marido e mulher – motivados pelo desejo de ser o melhor [...] igualmente se engajam numa versão conjugal da rivalidade entre irmãos (VIORST, 2004, p. 129).

Situações como essas são frequentes e vão minando a relação e, conseqüentemente a vida sexual dos dois fica comprometida. Dependendo do grau de sensibilidade, de amadurecimento de cada um e da capacidade de superação do problema, o desejo vai acabando e a vida sexual que normalmente é um dos fatores que mais motivam o indivíduo ao casamento, tende a declinar. Quando a relação atinge este nível é comum se ver, dentre outras coisas, a impossibilidade de ouvir o outro, pois, embora se falem, o discurso chega de forma distorcida aos ouvidos de cada um. A mensagem é ouvida, mas não é apreendido o seu conteúdo.

Estratégias de superação do desgaste diádico e manutenção do amor e do desejo

As transformações que ocorrem na atualidade impõem sobre o indivíduo demandas e ansiedades para as quais é preciso buscar respostas de enfrentamento. A imprevisibilidade na qual se vive, onde tudo pode acontecer, resulta em insegurança quanto à durabilidade das coisas e das relações. Este cenário leva as pessoas a estabelecerem como meta de conjugalidade, a confiança no parceiro, objetivando reduzir os perigos aos quais estão expostos, dentre eles a possibilidade de o (a) companheiro (a) não se comportar conforme as expectativas.

Na tentativa de se prevenir contra o desgaste na relação e um progressivo afastamento, os cônjuges lançam mão de estratégias que segundo Ferreira (1986) é a “Arte de aplicar os meios disponíveis com vista à consecução de objetivos específicos” e também a “Arte de explorar condições favoráveis com o fim de alcançar objetivos específicos”. Duas modalidades estratégicas têm sido empregadas pelos casais: a abordagem direta e a abordagem indireta. As mais comumente utilizadas são as estratégias de abordagem direta tais como: ocorrência de ordens, ameaças, reprimendas e cobranças. Tratam-se de estratégias que visam advertir o outro sobre a frustração com a não realização do projeto idealizado para o casamento ou a não satisfação de alguma necessidade.

Das estratégias de abordagem indireta, fazem parte o famoso “jeitinho”, a chantagem emocional, a fragilização do cônjuge e dos filhos, etc. Investem-se esforços para controlar o comportamento do outro, embora se procure agir como se não estivesse tentando exercer tal controle. A escolha da estratégia seja ela direta ou indireta, é resultante do modo como cada um dos cônjuges representa seu papel na relação conjugal, e da distribuição de poder na dinâmica familiar.

Todo este conjunto de estratégias é constituído de modos informais de controlar os acontecimentos do cotidiano conjugal que afetam o projeto idealizado de casamento. Existem maridos e esposas que para superar os conflitos conjugais evitam se confrontar preferindo varrer para “debaixo do tapete”

os desentendimentos. Muitos evitam brigar, ou porque a esposa tem medo da ira do marido ou porque este se sente mal com a reação de choro da esposa.

É comum que muitos se queixem de insatisfação com o relacionamento conjugal. Fala-se da tormenta em conviver com alguém que só critica e não permite que se viva a individualidade. Sentem-se irritados pelo uso constante de proibições advindas do parceiro. Contudo, muitos buscam este tipo de relacionamento e se alimentam das coerções que o outro impõe por sentirem tratar-se de uma forma de proteção. A acomodação a este tipo de relacionamento inibe as forças de crescimento, impedindo que os sujeitos possam se responsabilizar pelo que fazem e pelo que deixam de fazer.

Esta falta de autonomia é, na opinião de Ribeiro (1998), fruto de um processo de alienação. No começo do relacionamento é normal que um se comporte de acordo com o desejo do outro, simplesmente para agradá-lo. No entanto, o parceiro começa a exigir que sua opinião e seus desejos sempre prevaleçam na relação. O sujeito deixa-se alienar realizando os desejos do parceiro, mesmo contra sua própria vontade. O resultado dessa alienação é uma angústia direcionada ao parceiro pelo entendimento de que não exerce determinada função na dimensão profissional ou social por impedimento do cônjuge; mulheres se dizem frustradas por não terem recebido incentivo do marido para que crescessem; maridos atribuem às esposas o fracasso dos filhos, em suma, um responsabiliza o outro por suas próprias escolhas e insucessos.

Segundo Rogers (1977), os indivíduos são seres humanos que têm como natureza básica a tendência de buscar crescimento e satisfação. Esse crescimento é observado quando o sujeito busca realizar os seus próprios desejos. A partir do momento em que existe algo ou alguém impedindo o crescimento de um dos cônjuges, ele se sente insatisfeito. Essa insatisfação pessoal é direcionada para o relacionamento e se apresenta através de críticas sistemáticas e julgamentos que servem para rotular o outro: “você é autoritário, egoísta, ciumento, invejoso, complicado, preguiçoso, frio, entre outros”. Tais adjetivos têm como verdadeiro propósito o controle sobre o parceiro. Acredita-se que a diminuição da auto-estima do outro o colocará numa situação de submissão, dominado pelo reclamante. Esta postura acaba levando ao afastamento, pois é difícil suportar ser submetido continuamente à diminuição de seu valor como pessoa.

Sabe-se que muitos dos comportamentos apresentados pelos indivíduos numa relação conjugal podem ser representações de questões não resolvidas no passado, podendo criar tensões aflitivas destrutivas. As frustrações das relações parentais ocorridas na infância podem se tornar presentes no nosso repertório, e voltar a se repetir em relações amorosas posteriores (FREUD, 1924).

Muitos dos comportamentos do parceiro, de forma similar aos da parceira são inconscientemente dirigidos ao pai ou à mãe, que se apresentaram tiranos, autoritários, desatenciosos, submissos e portadores de uma série de outros sentimentos causadores de aversão na infância dos filhos. Ao se voltarem um contra o outro, inconscientemente é contra os progenitores que eles se voltam.

[...] ligações danificadas em nossa primeira infância nos impulsionam a fazer com nossos cônjuges o que não pudemos e ainda não podemos fazer a nossos pais, a fazer com o parceiro o que um dia foi feito a nós. E, [...] essas ligações danificadas nos fazem sentir desmerecedores de amor (incitando-nos a buscar, incessantemente, a restauração de nossa confiança); ou temer o abandono (incitando-nos a evitar a intimidade). [...] nosso casamento pode não vingar se [...] reagirmos um ao outro como se fôssemos crianças ameaçadas e desprotegidas e eles, os pais temidos e com tantos defeitos de nossa infância (VIORST, 2004, p. 223).

A luta pela superação das dificuldades conjugais e manutenção do desejo entre os parceiros leva muitos casais a investir na aparência física e nos jogos de sedução, objetivando prolongar a juventude e permanecer acesa a chama da paixão. Tal iniciativa pode ajudar, pois funciona como uma novidade, embora contemple apenas superficialmente a relação. A religião é outra estratégia da qual se utilizam muitos casais. Através de promessas, orações e sacrifícios, tentam reverter a situação de desconforto e de desgaste que os assola. A fé alimenta a esperança, fazendo com que os dias se arrastem na expectativa de que algo benéfico aconteça e a relação se converta aos padrões estimados.

Se acomodar e se paralisar, é uma estratégia ineficaz uma vez que nada é feito, ficando as dificuldades entregues ao acaso para que o tempo se encarregue de resolvê-las. Neste comportamento pode estar intrínseco o medo de tentar algo que levante o véu da consciência. Este desvelamento pode apontar alguma mudança que não irá garantir a manutenção do vínculo conjugal, mas ao contrário, anunciar o seu desenlace. Segundo Viorst (2004, p. 226) “[...] a maturidade emocional não garante ao casal a estabilidade não conflituosa”. Ao contrário, segundo a autora “a solução da dependência patológica [...], pode desfazer o casamento” (Op. cit.).

Conclusão

Embora existam dificuldades no relacionamento, os casais têm utilizado estratégias para a manutenção do amor e do prazer. Muitos dos entrevistados participam de Encontros de Casais. Nesses encontros os temas do cotidiano do casamento são frequentemente discutidos. Os casais têm a oportunidade de expor suas dificuldades, refletir sobre essas e chegar a uma conclusão de qual é a melhor estratégia para a solução do conflito.

Foi possível observar que a maioria dos entrevistados está sempre buscando melhorar o relacionamento conjugal e que 71% deles faz uso de algum tipo de estratégia no intuito de manter o amor e o prazer. Dentre estas, o diálogo, a compreensão das dificuldades do parceiro e inovações na vida sexual para não cair na rotina e buscar estar na presença de Deus (Encontro de Casais com Cristo) ocupam lugar de destaque. Percebe-se que enquanto os sujeitos acreditarem que o relacionamento está sendo satisfatório, eles continuarão a investir na sua continuidade.

Pode-se dizer sim para a pergunta central deste estudo: *É possível manter o amor e o desejo entre o casal, apesar da rotina da vida conjugal?* As dificuldades do relacionamento não estão sendo suficientes para culminar no fim do amor e do prazer. Aqueles casais que mantêm um relacionamento duradouro mostraram um forte empenho em manter acesa a chama do amor e do prazer. Vale salientar que, tal feito envolve esforços e sacrifícios tanto para o homem quanto para a mulher.

Referências Bibliográficas

- DESIDÉRIO, F. M. Encontros, desencontros, reencontros em família. São Paulo: Paulinas, 1982, 163 p.
- FERREIRA, A. B. de H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREUD, S. Neurose e Psicose (1924). In.: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIX., Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 189–193.
- NASIO, J-D (Org.). Introdução às obras de Freud, Firenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995. 304 p.
- RIBEIRO, W. Existência e Essência: Desafios Teóricos e Práticos das Terapias Relacionais. São Paulo: Summus, 1998.
- ROGERS, C. R. Psicoterapia e relações humanas. Belo Horizonte: Interlivros, 1977. 288 p.
- VIORST, J. Casamento para toda a vida. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2004. 284 p.